


## MAPA MENTAL E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO, NA LEITURA E NA INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

**Dra. Eliane do Rocio Alberti**  0000-0002-9212-4005

**Jhonatan Barbosa**  0000-0001-8434-5134

Universidade Federal do Paraná

**RESUMO** - O propósito deste trabalho foi entender como algumas práticas pedagógicas são capazes de elucidar conceitos geográficos, que por vezes são abstratos aos olhos dos discentes. O objetivo foi aproximar as práticas a vivência cotidiana dos alunos, a fim de contemplar o conhecimento e experiência à priori que os mesmos trazem consigo. Neste sentido, a cartografia participativa através dos mapas mentais se torna uma alternativa para articular o proposto. A metodologia se desenvolveu a partir de uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de espaço e suas categorias de análise: percebido, concebido e vivido somado ao entendimento de lugar e da importância na representação como

forma de linguagem a traduzir toda essa conceituação. Na sequência se realizou observações *para* constatar as dificuldades em metodologias na elucidação acerca do conceito de espaço e foi aplicada atividade que consiste em desenvolver mapas mentais com os discentes. Como resultado desta investigação, pode-se constatar o mapa mental ao aproximar a demanda curricular obrigatória ao conhecimento e experiência dos alunos, sobretudo na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), estimula um raciocínio geográfico perante os elementos que os rodeia, fundamental para formação cidadã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de geografia; Mapa Mental; Aprendizagem;

## MENTAL MAP AND ITS IMPORTANCE IN TEACHING, READING AND INTERPRETATION OF GEOGRAPHICAL SPACE

**ABSTRACT:** The purpose of this work was to understand how some pedagogical practices are able to elucidate geographical concepts, which are sometimes abstract in the eyes of the students. The objective was to bring the practices closer to the students' daily experience, in order to contemplate the a priori knowledge and experience that they bring with them. In this sense, participatory cartography through mental maps becomes an alternative to articulate the proposal. The methodology was developed from a bibliographic review on the concepts of space and its categories of analysis: perceived, conceived and lived added to the understanding of place and the

importance in representation as a form of language to translate this whole concept. Subsequently, observations were made to verify the difficulties in methodologies in elucidating the concept of space and an activity that consists of developing mental maps with the students was applied. As a result of this investigation, it is possible to verify the mental map by bringing the mandatory curricular demand closer to the students' knowledge and experience, especially in the Youth and Adult Education (EJA) modality, stimulating a geographical reasoning before the elements that surround them, fundamental for citizen formation

**KEYWORDS:** Geography teaching; Mental map; Learning;



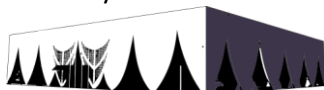
## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que o processo de ensino-aprendizagem requer uma variedade de estratégias de ensino para que possibilite ao aluno a apropriação do conhecimento científico de forma significativa e criteriosa, há necessidade que a prática pedagógica docente seja fundamentada em uma perspectiva crítica de Educação que vê o aluno como sujeito ativo e participativo no processo educativo em uma perspectiva de totalidade histórica. Portanto, no contexto atual não cabe um ensino alicerçado em práticas que contribuem para a reprodução do conhecimento e a formação de um indivíduo passivo, alienado, como faz a teoria educacional tradicional de ensino, que se detém na repetição, na memorização de conteúdos. Paulo Freire nos adverte para buscarmos uma relação de interesse do conteúdo escolar, com a vivência dos alunos, sobretudo no campo da geografia:

Lembrava-me do tempo que gastava dizendo e redizendo, olhos fechados, caderno nas mãos: Inglaterra, capital Londres, França, capital Paris. Inglaterra, 'capital Londres. "Repete, repete que tu aprendes", era a sugestão mais ou menos generalizada no meu tempo de menino. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia de minha fome? A geografia dos quintais alheios, das fruteiras - mangueiras, jaqueiras, cajueiros, pitangueiras -, geografia que Temístocles - meu irmão imediatamente mais velho do que eu - e eu sabíamos, aquela sim, de cor, palmo a palmo (FREIRE, 2003, p.42).

Esse modelo tradicional de educação praticado em nossas escolas se torna cada dia menos atraente aos alunos, principalmente com a inserção das tecnologias de informação e comunicação. Em relação, ao ensino de geografia a prática tradicional de ensino com o uso de estratégias mecânicas, limita o aluno a perceber e compreender o espaço geográfico em uma perspectiva crítica.

A educação geográfica é baseada na proximidade no ensino da geografia, na compreensão do espaço e no desenvolvimento da linguagem cartográfica, esses são os principais elementos para desenvolver a capacidade dos indivíduos em uma análise de mundo e também na construção de uma perspectiva espacial.



Isto é um dos principais objetivos postos nas práticas escolares, aperfeiçoar o raciocínio geográfico para desenvolver nos discentes a capacidade em interpretar os elementos e fenômenos que compõem e interferem na produção do espaço.

Nesse sentido, busca-se nesse trabalho mostrar uma alternativa que pode ser usada no ensino de geografia tendo em vista romper com a visão tradicional que se pauta na maioria das vezes no uso do quadro e giz e, conseqüentemente a reprodução mecânica do conhecimento geográfico. Deste modo a estratégia aqui proposta “*Mapas Mentais*”, busca desenvolver a percepção espacial e concepção acerca das vivências e experiências de vida dos sujeitos, de forma que os mesmos consigam entender os elementos que os rodeiam, em outra perspectiva, agora enquanto autores desta representação.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Espaço geográfico

Compreendendo as especificidades geográficas e destacando a importância dos gêneros de vida também como “modo de pensar” a Geografia, é preciso torná-la uma ciência mais atrativa fora do seu campo disciplinar. “A Geografia é a disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem” e a Geografia” é o “estudo que busca proporcionar a descrição científica da terra como o mundo do homem” HARTSHORNE (1978).

O espaço geográfico é considerado o objeto de estudo da geografia. Diversos geógrafos e pesquisadores da área abordam conceitos diferentes para o espaço geográfico. O que de acordo com SANTOS (1978, p. 171) demonstra ser uma tarefa árdua, pois cada categoria possui diversas acepções, recebe diferentes elementos de forma que toda e qualquer definição não é uma definição imutável, fixa, eterna; ela é flexível e permite mudanças. Diante disso SANTOS (1978, p. 171) ressalta que o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo



que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.

Para Santos (2002 *apud* Braga 2007) o espaço geográfico é visto como “a matéria por excelência”, a “segunda natureza” com base em Marx ou natureza humanizada ou artificial. É a relação homem/natureza ou homem/espaço mediatizada pelo trabalho e a produção de mercadorias (o espaço é também mercadoria). É a “acumulação desigual de tempos”.

De forma mais complexa Santos (2002 *apud* Braga 2007) ressalta que o espaço deve ser analisado na forma de sistemas espaço-temporais e conta com categorias de análise: formação socioespacial (derivada do conceito marxista de formação social ou formação socioeconômica), com ênfase para a escala do Estado-Nação (mediador entre o local e o global), tempo espacial ou tempo empírico (entendidos como processo), totalidade (“o espaço total de nossos dias”) e modo de produção, ambas categorias marxistas. Além disso, não se deve esquecer-se das rugosidades do espaço, formas pretéritas que influenciam o presente e podem até condicionar o futuro.

Visto que existem diversas categorias espaciais é importante diferenciá-las, em um primeiro momento o espaço social e geográfico, o primeiro associado à moradia e fixação humana em dado território, o segundo pode ser entendido como esse espaço organizado, a vivência em sociedade. Outra semelhança posta é entre espaço e território o que é destacado por Santos (1978, p. 122) “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. Também alerta no sentido de que “a utilização do território pelo povo cria o espaço”, destacando território como antecessor ao espaço, contudo, o espaço geográfico deve ser compreendido de forma mais complexa, entendido como um sistema indissociável de sistemas de objetos e ações, em que a instância social é uma



expressão concreta e histórica. O território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, uma área.

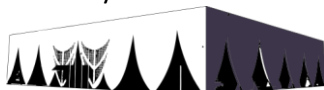
A natureza é outro elemento a ser ressaltado na concepção de espaço, ainda que em diversas conceituações ela seja entendida como parte das transformações antrópicas no espaço, é considerada vital para tal conceituação espacial, visto que Santos (1978 *apud* Saquet; Silva 2008) defende que as formas e as funções variam no tempo e assumem as características de cada grupo social. É uma concepção histórica e relacional de geografia e do espaço. O espaço, dessa tal maneira, que corresponde às transformações sociais feitas pelos homens.

Por fim, nesta conceituação o caráter democrático inserido no processo espacial é algo que Santos (1999) destaca em sua obra, esse espaço geográfico sendo de todos, é o espaço banal é também o espaço até daqueles que não acreditam nele. Apesar das lutas e contradições, mesmo assim o espaço geográfico ainda se apresenta de forma a mostrar a beleza do humano em relação com o espaço. E conseguir que este espaço seja compreendido é o grande desafio da Geografia. Para tanto, faz-se a seguir uma análise sobre o conceito de espaço percebido, vivido e concebido e de representação e lugar.

## 2.2 Espaço percebido, vivido e concebido

Destacando a importância da Geografia para todo desenvolvimento e compreensão do conceito de espaço, e entendendo que não haja uma definição única a cerca desse tema, cabe-então analisar as categorias inseridas neste conceito para uma melhor fundamentação teórica. Colocando a ação humana como centro de uma análise espacial, tal diagnóstico nos revela um tripé conceitual que permeiam esta relação, fundado em espaço Concebido, Vivido e Percebido.

O espaço vivido ainda que com os mesmos princípios fundamentados na fenomenologia, é indissociável do concebido isso é como a contradição básica



entre o vivido e o concebido o que afirma Rob Shields, surgiu entre o “*vécu*” e o “*conçu*”, sem referência alguma, que Lefebvre adotou o “dualismo central” entre o *vivido* e o *concebido* de Nietzsche e Spinoza (Shields, 1999 p. 9). Ainda que entendendo o vivido como elemento essencial na concepção de espaço, a utilização de espaço vivido surge de acordo com Schimid (2012), começou a ser levado em consideração no início da década de 1930, nas observações das anomalias da experiência espacial na psiquiatria, sob hipnose e o consumo de substâncias psicodélicas. Neste processo de compreensão acerca das diversas possibilidades que se dá entorno do conceito de espaço, percebe-se um novo modelo que abarca não só a materialidade concreta na análise, mas se não outro fator preponderante que é o pensado-vivido, a experiência.

Kozel (2001) destaca que as pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar as formas do mundo, estabelece sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado.

Demonstrando a importância em se fazer uma geografia voltada a realidade da sociedade, Tuan (1983) destaca o fato dos estudos geográficos de percepção e representação envolverem a subjetividade do sentir das pessoas ou dos grupos com todos os seus valores, atitudes e preferências, necessita de instrumentos e estratégias para demonstrar esses pensamentos, opiniões e sentimentos sobre as realidades percebidas e os mundos imaginados. O mesmo aponta que devesse fazer uma abordagem voltada para o comportamento e a percepção. Esta estaria relacionada não só aos nossos sentidos, mas também à nossa visão de mundo, à nossa cultura (herança em comunhão com os nossos sentidos). Afirmando que a percepção já é em si geográfica, pois permite a espacialização do mundo e a classificação dos fenômenos.



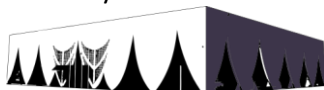
## 2.3 Representação e lugar

Outra categoria fundamental para a compreensão do espaço geográfico é Representação e Lugar. A representação é conceituada de acordo com Jodelet (1985) como modalidade de conhecimento prático orientada para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Em análise mais complexa divide o conceito de representação em dois eixos, no primeiro as representações constituem formas de conhecimento prático orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação; no segundo eixo, elas emergem como elaborações (construções de caráter expressivo) de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados.

A concepção quanto a forma de retratar pode ser descrita de acordo com como uma entidade social e, como tal, um símbolo vivo do grupo que ele representa. De forma amostral ressalta que o indivíduo no grupo, próprio das abordagens quantitativas, pode ser abordado como sujeito genérico como o grupo no indivíduo, contanto que tenhamos uma compreensão adequada do contexto social por ele habitado: seu *habitus* e a teia mais ampla de significados na qual o objeto de representação está localizado (VIGOTSKY, 1978).

Disposto de forma polissêmica em sua conceituação, ou seja, podendo ser empregado diversos significados, lugar pode ser compreendido como uma porção delimitada de "terra" que apresenta em si diversas especificidades no sentido cultural, ambiental ou até mesmo *sentimental*, destacado este último, pois é elemento essencial na descrição geográfica dos significados particulares e relações humanas ali inseridos. Esta importância é ressaltada por TUAN (1979) que a totalidade de meios pelos quais nós chegamos a compreensão do mundo: nós conhecemos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção.

"Lugar", conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a



outros conceitos espaciais como paisagem, espaço e território. Hoje, no entanto, "lugar" é considerado conceito fundamental no estudo da geografia (HOLZER, 1999, p.123).

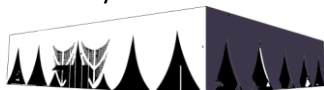
A relação do perceber, sentir é alvo de grande relevância pela autora Amélia Nogueira (2002) que aponta que a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Ainda de acordo, destaca que a geografia só é possível na relação homem-mundo, homem-lugar. Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar de vida.

## 2.4 Mapa mental

A relação entre os temas destacados até então é de suma importância para o desenvolvimento do proposto, os conceitos de espaço (geográfico, social) suas categorias e dimensões (percebido, concebido e vivido) e de representação e lugar, são alicerces na construção do tema central MAPAS MENTAIS, que tem por objetivo desenvolver e investigar a percepção espacial que permeia a sociedade, todavia, destacando o papel da experiência e vivência destes, a fim de compreender como é posto o conhecimento cartográfico, mas sobretudo, investigar a concepção geográfica que os rodeia.

Na busca em articular a investigação geográfica e uma capacidade em compreender a sociedade e seus principais elementos espaciais, de forma mais espontânea, Nogueira (2002) indica que com essa compreensão de percepção como saber primeiro e do mundo como lugar de existência, podemos interpretar que os mapas mentais trazem neles representados muito mais do que pontos de referência para facilitar a localização e a orientação espacial: o lago é o lugar onde eu pesco; a igreja é o lugar onde eu rezo; o parque é o lugar onde eu brinco.

Reforçando a ideia que os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Isso reforçou a ideia de que essas





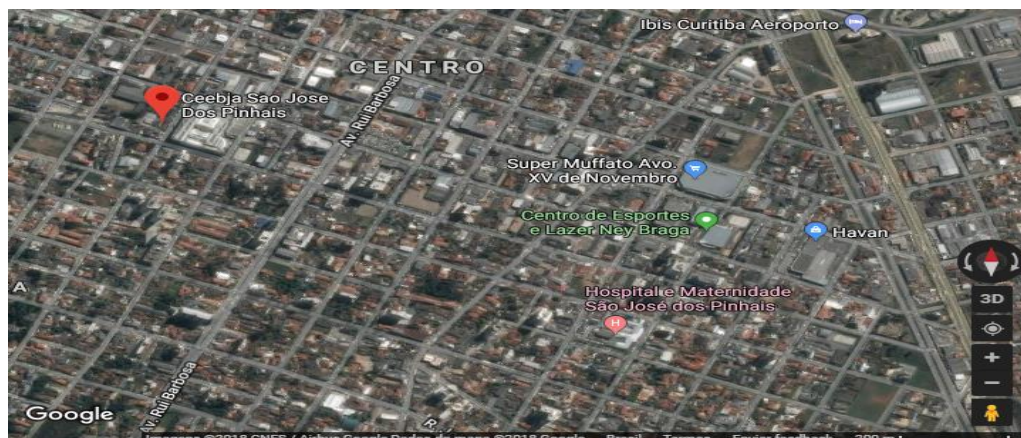
representações mentais seriam para nós, geógrafos e professores de Geografia, um material didático de extrema importância para a compreensão dos lugares, pois os dados que estão aí representados, independentemente da exatidão, revelam o lugar tal qual ele é (NOGUEIRA, 2002).

### 3 RESULTADO E DISCUSÕES

Esse capítulo tem como intenção destacar as análises e as constatações percebidas durante o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, vale destacar que a pesquisa foi realizada no Centro Estadual de Educação Básica de jovens e Adultos (CEEBJA) que tem sua sede localizada em um prédio alugado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, pertencente a uma comunidade religiosa, composta por padres e feiras, e que sofre constantes pressões a fim de sua reintegração a comunidade proprietária, situado na região central da cidade de São José dos Pinhais. A história da escola teve um início tímido, mas foi se tornando mais consistente à medida que as indústrias já instaladas em São José dos Pinhais cresciam e que as montadoras de veículos, a Audi e a Renault, e suas fornecedoras foram implantadas na cidade, a partir de 1996. A busca por uma melhor qualificação e pela manutenção no mercado de trabalho passa pela formação escolar, o que fez com que trabalhadores e pessoas vindas de outros locais buscassem o CEEBJA do município, ou solicitando o funcionamento do curso nas instalações da própria empresa, como aconteceu alguns anos atrás, de acordo com relatos de funcionários da instituição.

A escola está localizada na rua Mendes Leitão, 2724 no centro de São José dos Pinhais CEP: 83005150. Como pode ser observada na imagem de satélite a seguir:





**Figura 1** – Localização da Escola Fonte: [www.google.com.br/maps](http://www.google.com.br/maps)

O bairro como dito anteriormente é no centro da cidade, cercado pelos bairros Bom Jesus, São Pedro, Aristocrata, Boneca do Iguaçu entre outros. A escola se situa em uma região supervalorizada em uma área central rodeada por bares, comércio em geral, rua XV de novembro uma das áreas mais acessadas da cidade, e em frente ao colégio está localizado o Shopping São José, onde se concentram as principais lojas da Cidade.

O público que é atendido pelo CEEBJA é composto por jovens, a partir dos 15 anos de idade para ingresso no fundamental, ou 18 anos para estar inscrito no Ensino médio e noutro extremo idosos de idade mais avançada, o que se caracteriza uma diversidade tanto cultural, social e até mesmo econômica entre os discentes, dito isto, percebe-se atividades distintas em seus cotidianos de vida, bem como os principais objetivos nesta formação escolar, refletindo-se em uma disparidade comportamental, frente a este aspecto desta variância de idade, no ambiente da sala de aula.

A escola conta com uma quadra poliesportiva, onde os alunos além de participarem das atividades da disciplina de educação física, nos períodos ociosos (entrada/intervalo), jogam futebol e voleibol, contam com uma biblioteca e um laboratório de informática, além da cantina onde se serve lanche/janta aos alunos.



Essas informações são necessárias para um melhor entendimento do perfil dos alunos que participaram do estudo, retornando a discussão acerca da justificativa, a disparidade na faixa etária dos alunos foi dos fatores de maior estímulo para realização desse trabalho, uma vez que o retrato do espaço por diferentes alunos dos mais variados universos possibilita uma maior abrangência sobre o espaço de vivência, do percebido e concebido por esses alunos.

### 3.1 Interpretação dos mapas mentais

A singularidade na representação espacial de cada indivíduo margeia nos resultados aqui explícitos, ainda que se possa perceber alguns aspectos similares em determinados mapas, em relação a seus autores, ou seja, os alunos com perfis de vida semelhante acabam reproduzindo representações muito parecidas, contudo não é regra e Vargas (2008, p.57) já alertava, “a geografia das representações avança no processo de análise de diferentes vertentes dos fenômenos sociais, tendo em vista que os atores sociais têm seus percursos individuais marcados por significados, valores e escolhas pessoais”.

Em consonância a Vargas, Kozel referência metodológica neste estudo, afirma que o ensino de geografia seria mais significativo se partisse das representações construídas pelas sociedades. Indica ainda que na geografia das representações é possível compreender a lógica dos agentes, individual ou ligada a valores sociais, demonstrando, em dado espaço social e cultural, arranjos estabelecidos e refletidos.

Para decodificação dos mapas produzidos alguns aspectos deve-se ter em mente como observava Frémont (1976, p. 99-100), nos quais ele afirmava que cada lugar significa uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos sobre um espaço reduzido, o lugar é visualizado como uma forma que se integra à paisagem local e regional. O que ele representa deve



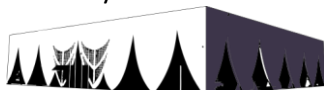
ser decodificado mais ou menos como uma linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como meio de expressão.

Utilizando a metodologia de interpretação de análise dos mapas proposta por KOZEL (2001) que tem como parâmetro a interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem, distribuição dos elementos da imagem, quanto à especificação dos ícones (através da representação de elementos da paisagem natural, paisagem construída, elementos móveis e humanos) e por último a apresentação de outros aspectos ou particularidades. A metodologia proposta por Kozel (2001) estabelece que:

A) Forma de representação dos elementos na imagem: há uma diversidade de formas nas representações, a qual identificou por ícones ou formas de representação gráfica através de desenho, letras, isto é, palavras complementando as representações gráficas e mapas, formas de representação cartográfica que evidenciam a espacialização do lugar.

B) Distribuição dos elementos da imagem: salienta que a partir da forma, verificou-se que as representações se diferiam também quanto à disposição da imagem, sendo assim identificados alguns aspectos que classificou como: *Representação da imagem em perspectiva; Representação da imagem em forma horizontal; Representação da imagem em forma circular; Representação da imagem em forma de quadros e quadras; Representação da imagem de maneira dispersa; Representação de imagens isoladas.*

c) Especificação dos ícones: a partir do olhar do mais simples ao complexo, com o intuito de detalhar ainda mais a análise, especificou os ícones que compõem as imagens em quatro grupos: Representando elementos da paisagem natural; Representando elementos da paisagem construída; Representação de elementos móveis; Representação de elementos humanos. O grupo definido pelos elementos da paisagem natural refere-se aos ícones inerentes aos elementos naturais existentes no ambiente, como montanhas, rios, lagos, sol, nuvens, flores



e árvores em geral. Os elementos da paisagem construída relacionam-se ao tecido urbano construído pelo homem, ou seja, os prédios, igrejas, casas, barracos, praças, bancos de praça, parques, logradouros, pontes, calçadas, equipamentos esportivos (campo de futebol, pista de corrida, ciclovia, trilhas), também estão neste grupo os ícones representados por equipamentos industriais, comerciais (lojas, supermercados, motéis, correios, churrascarias, lanchonetes), equipamentos ligados ao transporte (ruas, estações tubo, terminais de ônibus), referenciais culturais (museus, universidades). O grupo dos elementos móveis relaciona-se aos meios de transporte como carros, ônibus, caminhões de lixo, bicicletas, barcos e aviões. E o grupo de elementos humanos refere-se à representação de crianças e pessoas mesmo que estilizadas.

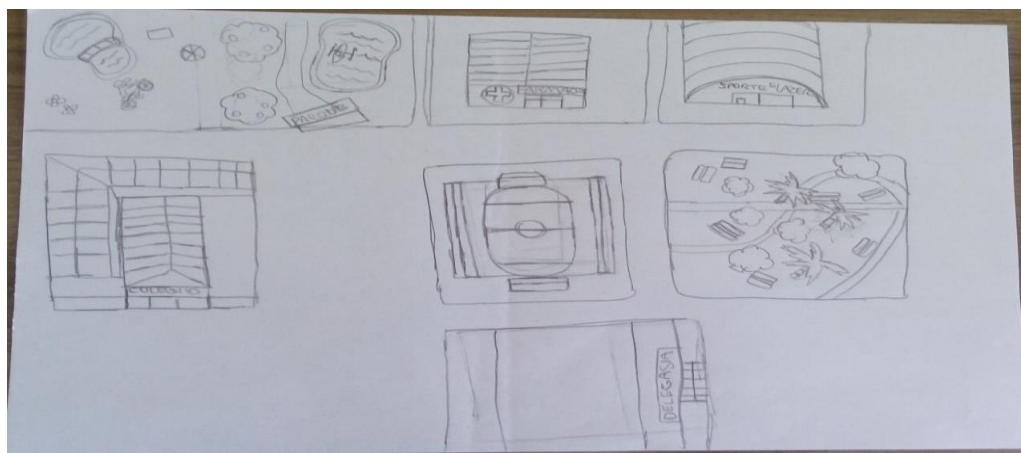
Diante disso, foi proposta aos alunos do CEBEJA a atividade de construção de mapas. Ao todo foram construídos 18 sob a orientação de que “Desenhassem os itens de infraestrutura que os cercam (saúde, educação, segurança, lazer, áreas verdes)”. Dessa produção foram selecionados 5 mapas que tiveram mais diversidades em sua confecção, e também para um melhor enfoque acerca das diferentes formas de representação. Os alunos não foram identificados neste estudo, pois não se tem a intenção de fazer juízo de valor sobre suas autorias, ou seja, concebendo certo de errado, visto que o intuito nesta atividade é o de entender a percepção espacial sobre o mundo que os mesmos vivem.

O primeiro mapa representado abaixo, foi produzido por um aluno que tem cerca de 22 anos, este utilizou como forma de representação os desenhos e também a forma gráfica, para descrever o parque, farmácia, colégio, delegacia. Este representou por ícones dentro do perímetro. Quanto a distribuição dos elementos, o aluno utilizou a forma de quadro e quadras para distribuir os elementos no papel. Observa-se a forma de distribuição em forma de quadro e quadras foi a mais utilizada para as representações.

Em relação a especificação dos ícones percebe-se uma mescla entre elementos da paisagem construída (colégio, delegacia, farmácia) equipamentos



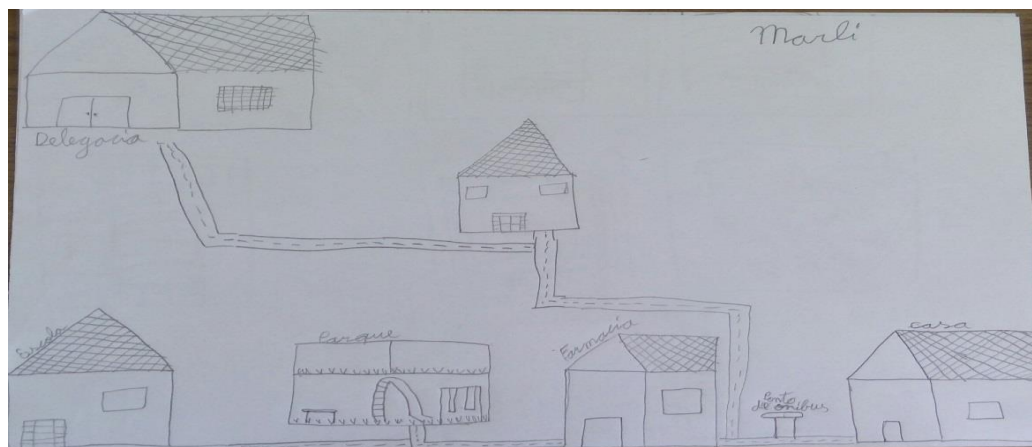
esportivos (o ginásio de esportes e o campo de futebol) com elementos naturais (o parque e um bosque com área verde).



**Figura 2:** Mapa 01 - Fonte: Aluno do CEEBJA.

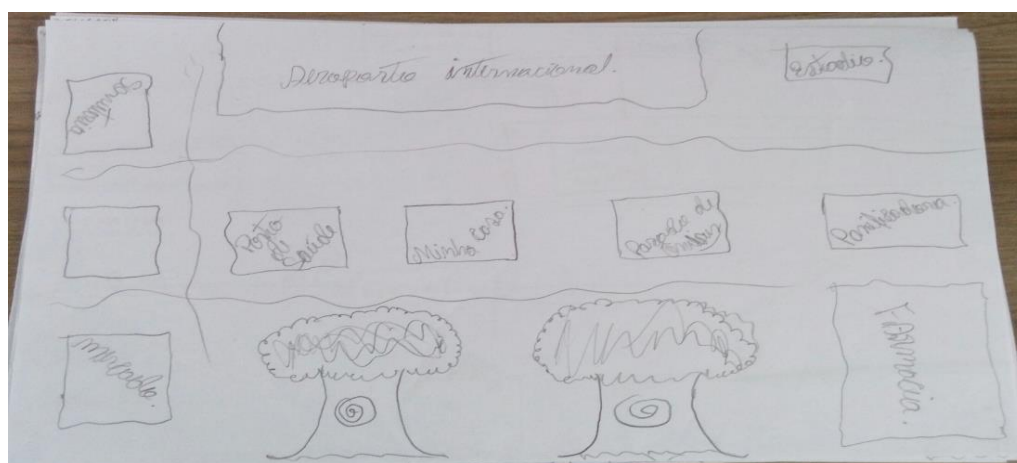
Já o segundo mapa conforme vemos a seguir, foi confeccionado por uma aluna com idade entre 35 a 40 anos, ela acabou utilizando a forma gráfica para indicação de alguns itens, além de desenhos para seu respectivo entendimento, elaborando uma articulação entre os elementos, a discente os interligou – sua casa a farmácia, a escola, ao parque, delegacia, ao ponto de ônibus. A distribuição dos elementos na imagem foi de maneira dispersa, ainda que interligados pelas ruas, a autora foi uma das únicas a não representar de maneira de quadro e quadras em sua distribuição. A especificação dos ícones aqui é caracterizada por elementos da paisagem construída (casas, farmácia, delegacia, escola) com equipamentos de transporte como é destacado o ponto de ônibus, além de elementos da paisagem natural o parque desenhado.





**Figura 3** - Mapa 02 – Fonte: Aluna CEEBJA.

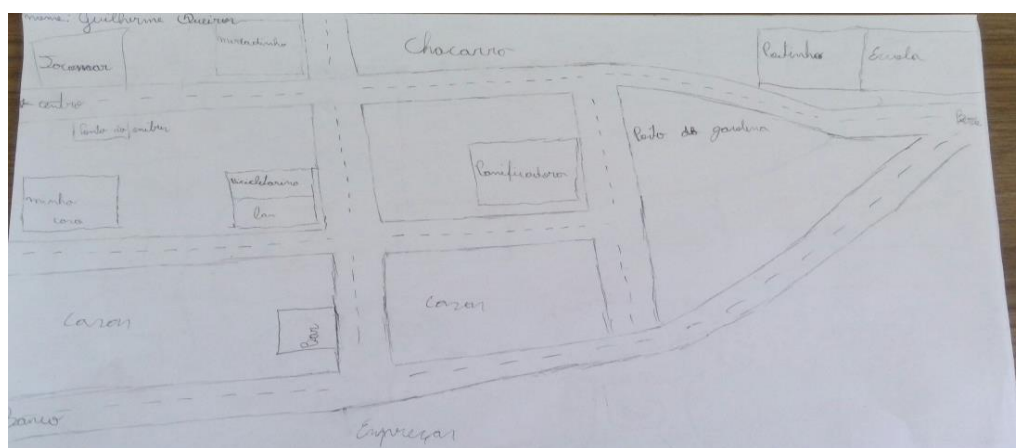
O terceiro mapa foi produzido por um aluno de 19 anos, esse basicamente se utilizou da forma gráfica para representar os itens que o rodeiam (sua casa, o posto de saúde, farmácia, mercado, panificadora, estádio, o aeroporto) como desenho propriamente desenhou as árvores. Sua distribuição foi uniformemente na forma de quadros e quadras, além das árvores com imagem em perspectiva. Quanto à especificação dos ícones existem elementos da paisagem construída como citados anteriormente (posto de saúde, sorveteria, panificadora, farmácia) equipamentos esportivos, o estádio; equipamentos de transporte, o aeroporto; além de contar com elementos da paisagem natural com o desenho das árvores em um bosque.



**Figura 4** - Mapa 03 Fonte: aluno do CEEBJA.



O quarto mapa foi desenhado por um aluno que tem 25 anos, em relação a forma de representação ele optou pela escrita para representar os elementos que o cercam (panificadora, posto de saúde, escola, bicicletário, bar mercado, chácara). A distribuição dos elementos se deu na forma de quadros e quadras, vale ressaltar que o discente ainda colocou algumas orientações pertinentes no mapa como para onde fica centro ou os bancos. Em relação a especificação dos elementos percebe-se em sua maioria elementos da paisagem construída (as casas, panificadora, supermercado, escolas, posto de saúde, bar) equipamentos de transporte como o ponto de ônibus, além de elementos da paisagem natural em destaque a chácara que o aluno desenha.



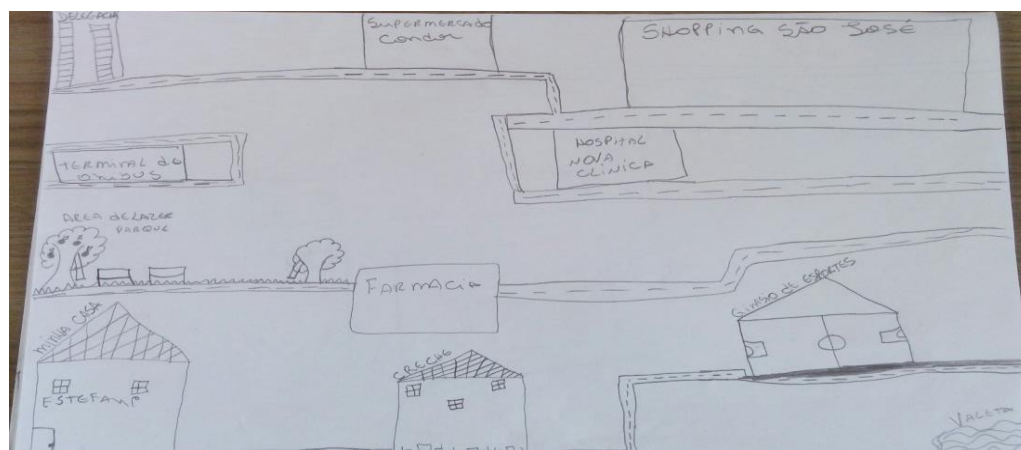
**Figura 5:** Mapa 04 - Fonte: aluno do CEEBJA.

O último desenho foi produzido por uma aluna que tem 28 anos, ela utilizou de desenhos para representar os itens, além da parte gráfica na escrita para indicar outros (supermercado, shopping, hospital, farmácia, creche, ginásio, delegacia). Na distribuição dos ícones a autora utilizou a forma em quadros e quadras além de dispor algumas imagens de maneira horizontal como sua casa, o ginásio, creche delegacia. Quanto a especificação dos ícones ela utilizou elementos da paisagem construída (farmácia, creche, shopping, hospital, delegacia) instrumentos esportivos de lazer (ginásio de esportes, parque verde), instrumentos de transporte o terminal de ônibus; além de elementos da paisagem





natural (parque com árvores) destaque para o esgoto a céu aberto que a mesma identifica como “valeta”.



**Figura 6** - Mapa 05 Fonte : aluna 5 CEEBJA

A intenção no desafio em propor essa atividade foi de observar como os alunos vêem o espaço que os cercam, como esses tem acesso a alguns itens básicos de infraestrutura como saneamento, saúde, educação, lazer entre outros, sobretudo analisar como eles articulam esses itens dispostos no espaço, resgatando o conceito de raciocínio geográfico, que nada mais é que desenvolver essa percepção espacial sobre os elementos que nos cercam.

Os resultados aqui obtidos são de relevante análise pela disparidade dos autores em relação a faixa etária, como mencionado na caracterização dos mesmos. Nesse processo, observou-se algumas especificidades quanto a produção dos mapas, pois algumas similaridades puderam ser notadas como o fato dos homens reproduzirem com maior proporção os itens de lazer, em especial as quadras, campos de futebol; enquanto as mulheres o destaque se deu itens de educação, sobretudo para seus filhos como creches e escolas municipais, e itens de saúde como postinhos e hospitais, este aspecto nos revela como o poder cultural e de gênero nos restringe por vezes a essa percepção espacial.

Outro aspecto observado que é necessário salientar é que nenhum dos mapas expostos conteve elementos como lago, rio, sol, nuvens elementos da



paisagem natural; também não foram identificadas referências culturais como museus e universidades. Houve ausência de elementos da paisagem móvel como ônibus, caminhão, carros, avião.

Convém mencionar que alguns mapas não foram selecionados por apresentaram imagens dispersas e imagens isoladas. Ainda que neste estudo não contemple o caráter de intervenção no espaço, ou seja, fomentando nos alunos melhorias que possam ser encontradas nos espaços que residem cotidianamente, instruindo a desenhar melhorias que possam ser observadas nos mapas já produzidos. Em conjunto a essas práticas podem ser desenvolvidas alternativas pedagógicas que vão nesse sentido, Topophilia de Tuan é um belo exemplo de como trabalhar aspectos ambientais com a população local, integrado aos mapas mentais podem-se buscar “tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos;”, buscando “o significado e a história do ambiente, como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem” TUAN (1980, p. 2). Em suma, invocar a população a se sentirem parte deste ambiente, e se entendendo parte desta paisagem observando o ambiente como uma herança dos processos fisiográficos e biológicos, sendo um patrimônio coletivo dos povos que nele habitam, como observava Aziz Ab´Sáber (1967) em seus livros sobre os domínios morfoclimáticos e a ação antrópica.

O mapa final dos alunos é uma tradução do percebido de cada um, atrelado aos sentidos que compõem essa percepção (não somente a visão, mas a audição, o olfato, o tato e o paladar), alguns elementos são tão naturais ao cotidiano que na hora de expressar em desenho são esquecidos, por outro lado, o aspecto concebido é integrado ao capital cultural intrínseco a cada sujeito, pois entender a dinâmica histórica dos espaços e como se articulam atualmente faz parte da vivência obtida, dimensão essa (vivido) que SCHIMID (2012, p. 14) “significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana”. Ressalta ainda que de acordo com Lefebvre que “é inequívoco: o vivido, a experiência prática, não se deixa exaurir pela análise teórica. Sempre



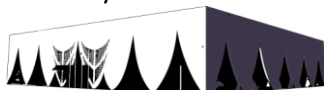
permanece um excedente, um remanescente, o indizível, o que não é passível de análise apesar de ser o mais valioso resíduo, que só pode ser expresso por meio de meios artístico”.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da certeza que o espaço é o principal objeto de estudo da geografia e que sobre ele, não se tenha uma definição única e determinada, investigar suas principais categorias de análise em conjunto com as práticas escolares contemporâneas, as quais necessitam ainda certa atualização no modo de “trato” com os discentes, os mapas mentais surgem como um instrumento de aproximação entre professor-aluno, no que se refere a capacidade de integração a vivência e percepção que estes tem sobre o espaço, a partir de um sentimento de pertencimento. No estudo, o aspecto local foi o mais enfatizado visto que, instigar os discentes a retratar e perceber como estão dispostos e distribuídos os mecanismos de qualidade de vida que os cercam, é submetê-los a participar e construir dessa transposição do vivido para o papel.

Atualmente, comprometida com as novas correntes do pensamento de uma Geografia da percepção e fenomenológica, o aluno passou a ser orientado a desenvolver uma consciência crítica em relação ao mapeamento que estará realizando em sala de aula. Isso significa dizer que existe sempre uma perspectiva subjetiva na escolha do fato a ser cartografado, marcado por um juízo de valor. A prática neste estudo coloca o discente como principal agente de leitura e interpretação do espaço vivido, percebido e concebido a sua volta.

Por fim, o presente trabalho teve como finalidade estimular alunos e professores a trabalharem de maneira integrada as necessidades curriculares e o fator de vivência dos discentes a fim de otimizar o capital cultural que cada um traz consigo. Nesse sentido que o aluno possa deixar de ser visto como um



mapeador mecânico, para ser um mapeador consciente, de um leitor passivo, para um leitor crítico dos mapas e do espaço.

## REFERÊNCIAS

BARRIOS, Sônia. A produção do espaço. In: SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia (Orgs.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª Séries. Brasília, 2018**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf> Acesso em 02/08/2018.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Unesp, 2003.

HOLZER, Werther. (2003) O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: Uma Contribuição Para a Geografia Contemporânea . **GEOgraphia** - Ano V - No 10. UFF Universidade federal Fluminense, 2003.

JODELET, D.,. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicologia Social** (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Paídos, Barcelona, 1985.

KOZEL, Salete Teixeira. Imagens e linguagens do geográfico: Curitiba capital ecológica. Curitiba, 2001. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

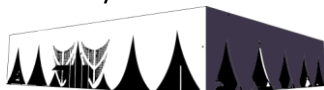
LEFEBVRE, Henri. Espacio y Política. Barcelona: Península, 1976. [1970] \_\_\_\_\_. The production of space. UK/USA: Blackwell, 1991. [1974]

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de geografia**, nº 54, 1977.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. [1996] \_\_\_\_\_. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EdUSP, 2002. [1978].

\_\_\_\_\_. (1999). **O lugar na geografia humanista**. Terntó- Rio. (7) : 67-78.



NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP: espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.

TUAN, Y-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980. [1974] VIDAL DE LA BLACHE, Paul. As características próprias da Geografia.

VIGOTSKY, L. S., 1978. *Mind in Society*. Cambridge: Harvard University Press.

Recebido em: 05-04-2020

Aceito em: 19-09-2020

